

FEDERICI, Conrado Augusto Gandara; LIBERMAN, Flávia; GUZZO, Marina Souza Lobo. **A presença na sala de aula virtual - notas sobre a presença e o saber da presença**<sup>1</sup>. Santos/SP: Unifesp. Docentes na UNIFESP - *Campus Baixada Santista*.

## RESUMO

A partir da experiência de um trio de docentes-artistas-pesquisadores com uma disciplina de pós-graduação na área interdisciplinar, ministrada virtualmente pelo Google Meet durante o período de distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19, foi flagrante nos participantes uma nova disposição de ânimo, que havia sido habitada e percebida coletivamente: uma presença. Uma centelha, uma faísca, um lampejo especial de vida, uma atmosfera transformada inesperadamente e por alguns instantes, uma instigação sutil.

Foram realizadas propostas diversas de jogos que exploraram as materialidades da ferramenta de conexão, tida, para a maioria até a época atual, como precária e limitadora da instauração de estados de presença de maior qualidade. Por meio de experimentos de câmera, microfone e chat em relação ao espaço/tempo, foi possível evidenciar a situação do corpo e da atenção em relação aos encontros entre as pessoas em suas mais diversas condições domésticas.

Impulsionados pela prática limiar pedagógica e artística, seguimos indagando como foi possível a instauração deste estado incerto no grupo? Que tipos de composição impulsionaram as transformações singulares na iniciativa? O que estava em jogo e como o jogo foi jogado? Quais as distintas qualidades de presença puderam ser ali mobilizadas? O que pode ser presença neste contexto? Presença se distingue de atenção? Presença tecnomediada pode existir?

A fim de explorar estas e outras incertezas, recolhemos notas que compõem um trajeto de pesquisa ancorado na performance do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Presença. Educação. Jogo. Arte

## ABSTRACT

From the experience of a trio of professors-artists-researchers with a post-graduation course in the interdisciplinary area, taught virtually through Google Meet during the period of social distance caused by the Covid-19 pandemic, a new mood was evident in the participants, which had been inhabited and collectively perceived: a presence. A spark, a special quality of life, an atmosphere unexpectedly transformed and for some instants, a subtle instigation.

Several proposals of games were made to explore the connection tool materialities, considered, for most of us until nowadays, as precarious and limiting the establishment of higher quality states of presence. Through camera, microphone and chat experiments in relation to space/time, it was possible to evidence the situation of the body and of attention in relation to the encounters between people in their most diverse domestic conditions.

Driven by pedagogical and artistic practice, we continue to ask how was it possible to establish this uncertain state in the group? What types of composition drove the unique transformations in the initiative? What was at stake and how was the game played? Which distinct qualities of presence could be mobilized there? What can presence be

---

<sup>1</sup> O subtítulo faz alusão ao texto clássico de Jorge Larrosa Bondía: *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

in this context? Is presence different from attention? Can techno-mediated presence exist?

In order to explore these and other uncertainties, we collected notes that compose a research path anchored in the performance of knowledge.

**KEYWORDS:** Presence. Education. Play. Art

### *Nota de abertura - A experimentação inicial*

Na época eu tinha fé num futuro fácil e feliz, rico de desejos satisfeitos, de experiências e de conquistas em comum. Mas aquele era o tempo melhor da minha vida, e só agora, que me escapou para sempre, só agora eu sei. (GUINZBURG, 2020, p.18)

As experiências aqui relatadas ocorreram na aula inaugural de uma disciplina de pós-graduação em uma universidade pública paulista durante o isolamento decorrente da pandemia de Covid-19.

O recurso básico disponível para a realização do encontro vinha sendo o aplicativo Google Meet, mais simples e acessível para a maioria. No período da situação ora descrita, os comportamentos mais comuns para este ambiente social virtual já estavam de certo modo estabelecidos: à exceção de um interlocutor, o microfone dos demais precisavam permanecer desligados para evitar o excesso de ruído. Além disso, grande parte das pessoas ainda escolhia, por questões diversas, deixar também as câmeras desligadas.

O acanhamento, típico em um grupo de desconhecidos, agravado pelas restrições das possibilidades de convivência midiáticas, era presente. A proposta, pouco usual para os protocolos conhecidos, foi feita para as cerca de 40 pessoas na “sala”, solicitando-as que desligassem suas câmeras e abrissem todos os microfones, a fim de que, juntos, falassem seus nomes, áreas de atuação e problemas ou desejos de pesquisa, repetindo sem parar as sentenças formuladas. O ato seria interrompido até o reaparecimento em vídeo do indutor da proposta, desencadeando em cascata a reabertura das câmeras por todos, agora presentes em vídeo e fechando novamente os áudios.

Fôra um primeiro ensaio. Caótico e absurdo. Houve surpresa. A ruptura da ordem durou cerca de 10 segundos, suficientes para a continuidade da aventura.

Repetiu-se então o mesmo jogo, acrescentando-se uma tarefa: atentar para pelo menos 3 palavras que conseguissem ser percebidas no caos sonoro. Aconteceu um novo turbilhão de sensações acústicas e mesmo visuais: com as câmeras desligadas e os microfones de todos acionados, as telas (do computador, tablet ou celular) exibiam a alternância frenética de círculos coloridos contendo as letras iniciais dos nomes dos participantes. Fogos de artifício!

Uma terceira rodada ainda foi realizada, na esperança de que houvesse alguma (qualquer) compreensão possível em meio às sensações diversas que a bagunça havia promovido a, imagina-se, todos os que aceitaram jogar.

À partir da experiência, foi flagrante uma nova disposição de ânimo, que havia sido habitada e percebida coletivamente: uma presença. Uma centelha, uma faísca, um lampejo especial de vida, uma atmosfera transformada inesperadamente e por alguns instantes, uma instigação. Como foi possível a instauração deste estado? Que tipos de composição impulsionaram as transformações singulares naquela iniciativa

de grupo? O que estava em jogo? Quais as distintas qualidades de presença que puderam ser ali mobilizadas? O que pode ser presença neste contexto?

### *Nota de ações - Permanências sensíveis*

Uma surpresa, uma inadequação, uma precariedade.

Um jogo simples. Um, e somente um, fio de seda de atenção.

Movimento.

Indícios e pistas dão a modulação do ritmo e, conseqüentemente, da intensidade.

Convocação de singularidades. Reconhecimento. Primeiro tijolinho da confiança.

Relação, relação, relação.

Mais movimento.

Situações inesperadas e bem-vindas.

Presença.

Euforia e transbordamento.

Reverberação e contágio.

Sustentação. Marca no corpo e na memória. Risco e ousadia. Fusão do tempo, do espaço, acesso e composição às outras marcas da alegria (convite e pretensão). Estado de jogo.

Retorno ao cotidiano, proporcional à intensidade coletivamente alcançada. Potência, segurança.

Este percurso possível e oscilante tenderá a ser encurtado conforme a constância das práticas de situações? Este foi um método, uma receita? Um modo investigativo, um jeito de fazer a instauração de presença em ambiente virtual? Como exatamente? Quando e com quem? Que atravessamentos ocorreram e quais recursos foram acionados para que a experiência ocorresse?

### *Nota metodológica - O jogo como ativador da presença*

Jogo é um termo do latim, *jocus*, que significa brincadeira, divertimento. Uma fuga possível, diante da realidade de tristezas e lutas/lutos da pandemia. Uma fuga, mas também um contorno, um limite. Uma forma de engajamento, junto com outras pessoas, numa tarefa que tem como objetivo sua própria realização. Para Roger Caillois, uma importante função do jogo é a constante ideia de limites e liberdades que ele possui, pois: “todo o jogo é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do jogo, ou seja, o permitido e o proibido” (CAILLOIS, 1990, p. 11). Quando estabelecemos algumas regras para tornar possível o engajamento de um grupo tão grande na nossa proposta, colocamos ali um contorno para a ação e também delimitamos um engajamento simples, direto, possível.

São justamente as regras, os contornos, a disciplina e o rigor, que possibilitam a entrada no universo da ludicidade e do prazer que o jogo se propõe. Muitas vezes não é fácil adentrar essas regras, ainda mais quando estamos diante de uma dinâmica nova: o espaço do Google Meet. Para proporcionar as regras, temos que, primeiramente, entender do que dispomos para jogar. Quais dispositivos estão em jogo, no jogo. O que é o Google Meet como espaço de jogo e que recursos ele oferece. Abrir e fechar câmeras. Abrir e fechar o microfone. Fixar determinadas

formas de visualizar as telas. Tínhamos a opção de usar o chat. Criar outras salas para grupos menores poderem falar com mais intimidade. Usar outros dispositivos e aplicativos, como os celulares, o Whatsapp.

E, com isso, a partir disso, fomos experimentando o jogo. Que funcionou algumas vezes, fracassou em outras. Um dos elementos importantes que está em jogo aqui é a incerteza. Mesmo com as regras e as delimitações pensadas, criadas e imaginadas, a realidade do acontecimento do jogo é sempre incerta. E é também aí que reside uma outra camada de engajamento: não sabemos exatamente o que vai acontecer! Isso também faz parte da diversão.

### *Nota estratégica - Sobre ausências e presenças idealizadas*

Antes da pandemia vínhamos aprimorando uma ideia de ativação de presença a partir de uma performatividade do conhecimento trabalhado em aula. Com jogos, quase todos advindos das artes cênicas, elaboramos e repetimos maneiras de estarmos juntos compartilhando textos, projetos e escritas científicas com afeto e um certo "ideal" almejado dentro do contexto interdisciplinar que nos encontrávamos. Mas a experiência do Google Meet, do trabalho em casa, dessa nossa nova realidade, foi-se impondo como uma série de ausências. Ausência em primeiro lugar do corpo, do olho no olho, do cheiro, do suor, do toque. Ausência de possibilidade de uma atenção plena, pois enquanto estamos na aula, temos crianças em *homeschooling*, maridos atravessando a tela, campainha tocando, entre outros acontecimentos cotidianos da casa. A ausência do espaço ideal, da forma de encontro ideal, da presença ideal.

Mas existiria uma presença ideal? Não seria essa mais uma imposição do nosso tempo? Quem está de câmera fechada, não está presente? E quem está na aula, lavando a louça ao mesmo tempo, está ausente? Existe uma presença melhor que a outra?

Podemos medir isso, de alguma maneira, pelo engajamento no jogo. Jogo é uma coisa que ou se joga, ou não se joga. Não tem como entrar num jogo mais ou menos. Ou entrar no jogo, mas não jogar. Ou você está (de corpo inteiro) ou você não está. Uma criança e seu engajamento nas mais diversas atividades cotidianas, transformadas em jogos (de fantasia, de risco, de vertigem, de sorte) nos colocam frente à experiência de que existe sim, uma maneira mais potente de estar presente. No entanto, ela não é imposta. Ela acontece pela via do desejo, do prazer, da necessidade de estar e partilhar questões comuns.

Encontramos no jogo, esse fio de ativação porque é nele também que as ausências ficam evidentes, e é no jogo que também identificamos uma idealização de uma determinada presença na sala de aula: protocolar.

Esse protocolo, muitas vezes nos incomoda profundamente na relação pedagógica: estar ali, mas não produzir nenhum efeito com minha presença, ou estou, mas não estou. Ou como difere Josette Féral (2012, p. 29, tradução nossa):

(...) uma forma de estar presente que não só afirma a minha presença, mas sublinha o aspecto particular de que não só estou presente, mas que também tenho presença, o que não é a mesma coisa. Passamos do verbo 'estar' ('estar presente') ao verbo 'ter' ('ter presença').

Professores não querem um aluno que está presente, queremos um aluno que tenha presença na sala: que participe, que leia os textos, que contribua nas discussões e que consiga, juntos com os colegas, avançar na direção de uma prática

proposta. Seria isso também mais uma imposição? Conseguimos todos estar e ter presença o tempo todo? Ainda mais em meio a tantos mortos e doentes durante uma pandemia, somados aos absurdos de uma política genocida por parte do governo federal?

### *Nota sobre atenção*

Este trio vem trabalhando e pesquisando sobre as infinitas maneiras de performar o conhecimento. O que pode ser isso? Para nós, tratam-se de tentativas contínuas de se encurtar a distância entre aquilo que se diz e aquilo que se faz nas aulas: que as próprias escolhas metodológicas *sejam*, imediatamente, os conceitos, buscando-se evitar ao máximo possível qualquer explanação afastada *sobre* os conhecimentos, as ideias, os autores e autoras selecionados/as. O corpo e suas práticas seguem como os eixos centrais dos investimentos metodológicos desta pesquisa. Corporificar os conhecimentos são nossas pretensões mais instigadoras e as aulas nas quais trabalhamos juntos apresentam-se como campos férteis para experimentações pedagógico-performativas.

Nossos desejos, desde bem antes da situação pandêmica, eram investidos na construção de estados de presença extracotidianos como formas de ruptura e desconstrução do *modus operandi* mais típico nas aulas de pós-graduação: professores doutores palestrando, distanciados hierarquicamente de estudantes e ouvintes focados em suas próprias pesquisas particulares, sem maiores articulações intensivas entre os dois papéis desta dramaturgia pronta e conhecida. Já vínhamos jogando com o deslocamento substancial do pedestal em que a "pós" foi alojada, para encontrar pessoas mais sensíveis aos movimentos coletivos de formação do comum. Utilizávamos dos recursos das artes presenciais e das práticas corporais para traduzir e instaurar situações e debates que não contradissem nossos corpos presentes, nossas presenças.

Nesta esteira, explorávamos um entusiasmo especial, originário de nossas experiências comuns em outras searas, que lidavam com estados de atenção singulares e almejávamos a instauração desta mesma qualidade de aprendizagem inventiva, em ato, nas aulas de pós-graduação. Aqui, atenção e presença se tangenciam, sem se confundirem. Nossas propostas, simples, tocavam sempre o corpo, a fim de sensibilizá-lo ao momento presente, buscando direcionar a atenção a um si mesmo já meio saturado e acostumado à ausência e à indiferença aos encontros. Kastrup (2008, p.164) detalha-nos o funcionamento teórico deste nosso gesto:

A suspensão da atitude natural, ou seja, a suspensão da atitude cognitiva de juízo, pode ser desencadeada por um acontecimento especial, que interrompe o fluxo cognitivo habitual. Um dos exemplos mais reveladores é a surpresa estética. O acontecimento estético tem a propriedade de gerar um acontecimento inantecipável, uma surpresa, que desativa a atitude recognitiva, e instala um estado de exceção.

Pois bem, como prosseguir com o empenho do corpo todo nas aulas da pós-graduação mediados por dispositivos de conexão como o Google Meet? O encontro e a produção da presença seguiram como objetivos principais, agora desafiados por novos elementos de jogo: cada participante em um local físico diferente, com estímulos distintos entre si, sob condições muito diversas de participação em uma

ação coletiva. Enfim, partimos com olhos e ouvidos atentos para a exploração de jogos de presença, ancorados nas experiências de provocação dos sentidos e sensações mais elementares e aparentemente comuns a todos, mesmo distantes.

### *Nota teórica*

“[...] a presença não é senão uma experiência de presença partilhada. Algo que se localiza na interação, portanto não podemos falar da presença em si, mas de uma experiência que compartilhamos quando somos performers ou quando assistimos a uma prática performativa” (ICLE, 2011, p. 16)

Alguns autores e seus conceitos sobre presença foram por nós estudados, com o intuito de avançar para além da impressão de que o distanciamento corporal e também temporal seria impeditivo cabal para as manifestações de presença. Nossas referências principais baseiam-se no que vem sendo desenvolvido sobre o tema no campo das artes performativas/presenciais por reunirem e explorarem há mais tempo pensamentos sobre qualidades específicas e complexas da presença.

Portanto, partimos com as ideias de Ferracini (2013, p. 03) acerca da presença cênica e suas especificidades como: “[...] efeitos de presença produzidos por uma porosidade relacional dos corpos numa sempre ontogênese da ação em ato; uma certa escuta do fora que inclui o outro, o espaço e o tempo na tentativa de estabelecer uma relação coletiva de jogo potente e poético”. Burnier (2001, p. 18, grifos do autor) referenciou o argumento sobre as características principais que nos conduziam, destacando o estado singular trabalhado pelo profissional da cena no seu ofício em ato: “Existe, no entanto, no caso da arte de ator e de todos os artistas performáticos do palco, uma particularidade que lhes é específica: no momento em que a arte acontece, eles estão presentes e vivos diante de seus espectadores”.

Pois bem, derivamos da presença cênica algumas qualidades próprias possíveis de serem articuladas com estados de presença determinados na vida. Relação e confiança destacam-se como guias primordiais.

Seguimos o rumo mais direcionado à instauração, ativação ou produção de estados de presença, encontrando a seguinte formulação básica de Gumbrecht: “todos os tipos de eventos e processos nos quais se inicia ou se intensifica o impacto dos objetos [coisas do mundo] “presentes” sobre corpos humanos” (2010, p.13). Para este autor, a presença ocorre no encontro entre o corpo e as coisas do mundo, inclusive, pessoas.

Gumbrecht (2010) distingue uma cultura de significado, em oposição a uma cultura de presença, hierárquica e academicamente mais desvalorizada. Para ele, as raízes cartesianas acadêmicas teriam cunhado radicalmente os rumos do distanciamento entre a mente e o corpo nas metodologias científicas, de tal forma que a predominância metafísica da cultura hermenêutica nas ciências humanas insistiria genericamente na busca de significado como forma hegemônica de legitimação dos saberes. Como contraponto, haveria uma cultura de presença, que se deteria nas coisas, elas mesmas, como recurso imediato de produção de conhecimento, em nosso próprio corpo, para a nossa própria percepção e sensação, sem as imposições interpretativas que remeteriam significados e sentidos para fora, para cima ou para longe.

Vivendo o contexto da necessidade de encontros pedagógicos tecnomediados, pareceu-nos que a percepção sobre a materialidade das coisas à mão, uma relação

mais sutil entre as próprias sensações imediatas e o entorno mereciam investimento e atenção cuidadosa.

Foi possível para nós até aqui o estabelecimento de uma noção comum daquilo que estamos tratando como presença, partindo das artes e multiplicando na vida. Ficou-nos claro que houve momentos em que alcançamos, como grupo, um estado de intensificação de presença, não cotidiano e com um contorno específico, mas sem as intenções da cena espetacular.

### *Nota de uma conversa: sobre corpos e presença*

Em uma conversa, buscamos responder a nossa pergunta de pesquisa: o que é presença? Para isto, ativamos os nossos corpos, memórias e nossas diferentes formações e experiências para tratar do tema da presença, buscando explicitar e intercambiar as referências que nos pareciam potentes para entrar neste jogo. Descobrimos um comum.

Partimos da condição de que tudo que existe no mundo está vivo, de que todo ato é um ato corporal (Keleman, 1992; Favre, 2004) e, portanto, temos que colocar “o corpo como questão que se impõe” tal como diz Orlandi (2004) acerca das ideias de Espinosa presentes na Ética III, 2, escólio, compreendendo que esta perspectiva não está dada e nem é balizadora para muitos dos pesquisadores.

Partimos ainda de um certo conceito de corpo como multidimensional (Keleman, 1992), vivo, pulsante, com uma capacidade de prontidão observável também em muitos animais, particularmente nos cães, uma das figuras que emergiu no diálogo e que foi mobilizada para tratar da questão.

Nesta conversa ativamos também outras figuras, como a criança que está em permanente estado de prontidão e postura, inteira em cada ato que realiza.

Também rodeados pelas plantas, percebemos os nossos corpos como parte da natureza, imersos em mundos, na biosfera, que nos coloca em estado de presença numa relação horizontal com outros seres do planeta. Esta é a nossa condição de presença de vidas nesta terra. Tempo e espaço são as marcas dessa presença. A busca por aquilo que chamamos de um estado de firmeza e comodidade.

O que buscamos na construção de nossas presenças? Os encontros.

Falamos de que talvez a boa pergunta não seja o que é presença, mas como pensar que tipos de experiências de presença são possíveis. Presenças no plural, pela pluralidade como cada um, em cada encontro e a cada momento, consegue engendrar uma presença. Processos em ato. São várias ações, pequenos acontecimentos muitas vezes inconscientes para se chegar em algum lugar que reconhecemos como presença. A estes trajetos e atos chamamos de metodologia.

Como cada um vai encontrando estratégias para conter a intensidade dos acontecimentos e sustentar uma presença? Presentificar-se no acontecimento. Uma de nós sustenta uma coluna certa e realiza cinco vezes uma respiração, se contém, regula a si mesma, para falar ou se apresentar, ou... cada ato. Trata do que vem a ser o Zen não como lugar idealizado, a busca de um Deus, um padre, um professor, tampouco como salvação, mas algo que está ali no corpo como potência, no possível para cada um. Outro sente frio (dor?) na barriga antes do encontro. Não é um incômodo, ele já identifica este estado pré-algo. Um esforço, ora mais, ora menos. Uma outra ainda, ao invés de meditar nestes tempos de pandemia, prefere “dançar e dançar em um exercício de executar coreografias... bem aeróbio”, para baixar os

pensamentos para o corpo, para os pés. Tem muita coisa na cabeça. Escolhe isto, que chama de uma meditação ativa.

Arriscando quebrar permanentemente os protocolos ou aquilo que o corpo “deve”, buscamos embarcar em estados provisórios de presença, reconhecendo-os. Presenças são estados.... nenhuma garantia, mas com intencionalidades. Presença regada por uma série de práticas que se aprende, se exercita: práticas corporais e as artes como dispositivos, acessíveis a qualquer um. Será? Intencionalidades possíveis para evitar sermos simplesmente jorrados pela vida. Nesta pesquisa, temos a prudência como guia das empreitadas, metodologias afinadas a partir da experiência, mas sem deixar de nos lançarmos ao inusitado, abertos, desejosos dos imprevistos e das surpresas. Pensamos que é nestes caminhos mais ousados que algo de novo ou interessante pode acontecer.

Podemos dizer que somos atravessados e construímos uma perspectiva corporalista e cartográfica como caminho comum entre nós. Parece-nos então que a cartografia que nos acompanha, permite dizer deste método que tem a presença e os atravessamentos da vida como elementos que constroem um determinado caminho sempre singular.

Falamos de uma presença que se faz a partir de nossa potência, de nosso desejo de ir ao encontro dos outros. Presença que se faz apenas no encontro entre corpos, humanos ou não (Rolnik, 2006): animais, plantas, mas também livros, músicas, danças, textos, escritos, as mídias e seus aparelhos (rádio, televisão, internet, tablet, etc), mensagens, conversas. Matérias-primas de toda ordem. É com esta bagagem, resultante das afetações mútuas e seus efeitos, que o corpo do cartógrafo realiza o seu intento: produzir, captar, registrar, expressar, dar visibilidade e dizibilidade às experiências. O corpo animado, nervoso, sedento para o encontro se arrepia, um centímetro que transborda e dá um impulso à sua efetuação em ato. Um centímetro para dentro e/ou para fora, a depender das companhias.

Para construir um corpo de cartógrafo, o tema da presença nos parece basilar: um corpo engajado e deseante. Um corpo atento. Um corpo que transita entre velocidades e lentidões e que por vezes precisa desacelerar, reconhecer os lugares que se encontra no cruzamento espaço/tempo. Que forças me habitam, é possível habitar o presente?

Quais as condições que a experiência de presença precisa para acontecer? Sem manual, mas guias. O texto de um corpo de cartógrafo foi citado (Lieberman e Lima, 2015). Nossas experiências com o Lume<sup>2</sup> apareceram como memória viva e comum: workshops, leituras, referências e aproximações com alguns modos pelos quais aquele coletivo teatral transita, organiza seus corpos e suas produções no trabalho cênico e de pesquisa. Entre nós parece haver uma superfície de contato. Também foram citados outros dispositivos que têm ampliado as nossas ações e pensamentos, práticas onde cada um de nós exercita a sua presença. Estas têm permitido um aprofundamento nas inúmeras questões impostas pela pandemia, que incidem nos modos como ensinamos, vivemos, criamos e nos inquietamos nestes tempos tão incertos. Falamos das aulas de palhaço, do quicar dos passinhos na tentativa de realizar as paradas de mão, a yoga, a meditação, o estudo como momento importante de pouso e tantas outras experiências mutantes e oscilantes, ora mais, ora menos potentes.

---

<sup>2</sup> O Lume é o nome dado para o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em São Paulo/Brasil. Foi fundado pelo ator e pesquisador Luís Otávio Burnier em 1985 e é mantido pelo intenso trabalho de pesquisa de sete atores e atrizes pesquisadores/as.



Consideramos também tais práticas, como tentativas de elaborar um pouco de tudo isto que tem afetado intensamente nossos corpos individuais e coletivos: um desafio de viver/pensar o tema do presente, no presente. Realizar uma pesquisa em ato. Esta conversa, entre tantas que temos realizado, são um exercício de presença: o corpo atento escuta, dá a vez, sente o impulso da fala. Conversa e traz questões, perguntas, aquilo que é comum e singular. Fomos contagiados pelas nossas presenças e nossos afetos. Temos muitas experiências em comum e avançamos.

Ficam muitas questões e divagações em aberto: para que o encontro / presença compartilhada possa acontecer, será que não precisamos resistir / romper a nossa estrutura narcísica que pode sequestrar a nossa presença? O que dificulta e o que favorece a produção destes estados de "maior qualidade"? O dever e os protocolos de como fazer e se portar atravessando nos corpos não dificultam uma presença viva, corporificada, pulsante? Às vezes, nos dificulta, nos dá um trabalho enorme reconhecer tais freios. Vamos tentando driblar este e tantos outros deveres e protocolos para poder simplesmente ser/estar, naquele momento, na busca desejante pela ética em Espinosa, voltada àquilo que o corpo pode. E queremos mais e mais.

### *Nota de encerramento*

Neste conjunto de notas buscamos olhar para os caminhos de nossa entrada investigativa no vasto tema da presença, recolhendo sensações, relações teóricas ainda incipientes para nós, porém instigadoras e, sobretudo, as tantas incertezas que nos habitam. Percebendo seus rastros, vestígios e marcas em nossos corpos, damos conta de que a presença na sala de aula virtual é um campo aberto e fértil, disponível ao investimento do desejo de todo aquele que tem fé e esperança aliados ao rigor, pilar fundamental do fazer acadêmico. Há um saber fazer específico, cunhado pelo amálgama entre experiências e técnicas institucionalizadas e também do comum.

Dar e promover significado ao encontro tecnomediado entre pessoas distanciadas pela situação pandêmica parece ter sido simultaneamente um gesto de cuidado e autocuidado, um gesto pedagógico de como sustentar um processo de formação e um gesto artístico de forjar uma experiência estética disruptiva em uma época de embotamentos e tristezas tão frequentes, banalizadas e normalizadas também dentro da universidade.

Para nós, e tantos outros, saúde, educação e arte podem ser campos indissociáveis. Cada oportunidade de encontro com o outro, mesmo via Google Meet, recupera a simplicidade e a ancestralidade do comunitário, do estar e fazer junto, do preocupar-se e do concernir a mim mesmo e ao outro ao mesmo tempo. O jogo, como atitude catalisadora desta experiência, coloca-nos dentro de uma perspectiva comum: só acontece e é possível se estivermos presentes, vivos, e de certa maneira, alegres.

Em suma, dimensões que se integram como metodologias, técnicas ou modos de fazer política. Presença, neste sentido, foi algo a ser enaltecido e, sobremaneira, não desprezado. Foi uma questão ética (*éthos*) a ser experimentada, uma responsabilidade com a humanidade, que a partir da relação com os não-humanos (tecnologias e dispositivos), organiza-se em uma de suas manifestações mais rudimentares: a reunião de pessoas, ainda que à distância, na busca por sentidos de vida.

## Referências Bibliográficas

CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Portugal, 1990.

FAVRE, R. Viver, pensar e trabalhar o corpo como processo de existencialização contínua. *Rev. Reichiana*, v.12, n.13, 2004.p.75-84.

FÉRAL, J. How to define presence effects: the work of Janet Cardiff. In: GIANNACHI, G.; KAYE, N.; SHANKS, M. (org.). *Archaeologies of Presence: Art, Performance and the persistence of being*. Londres: Routledge: 2012. p. 29-49.

FERRACINI, R. *Presença e Vida. Corpos em arte*. In: VII Reunião Científica da Abrace, v. 14, n.1, 2013. Anais. Disponível em: <[http://www.portalabrace.org/viireuniao/tfc/FERRACINI\\_Renato.pdf](http://www.portalabrace.org/viireuniao/tfc/FERRACINI_Renato.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2020.

GUMBRECHT, H. U. *Produção de Presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

ICLE, Gilberto. Estudos da Presença: prolegômenos para a pesquisa das práticas performativas. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 9-27, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-26602011000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-26602011000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 abr. 2021.

KELEMAN, S. *Anatomia emocional*. São Paulo: Summus Editorial, 1992.

KASTRUP, V. TEDESCO, S. PASSOS, E. *Políticas da Cognição*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LIBERMAN, F; LIMA, E. F. de A. Um corpo de cartógrafo. *Revista Interface. Comunicação, saúde, Educação*. 19(52):2015, p. 183-193.

ORLANDI, L. B. L. Corporeidades em minidesfile. In: FONSECA, T. M. G. e ENGELMAN, S. (Orgs.), *Corpo, Arte e Clínica*, Porto Alegre, UFRGS Editora, 2004, p. 65-87.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulinas/UFRGS; 2006.